

## RELAÇÕES FAMILIARES ENTRE ESCRÁVOS E LIBERTOS: TEMA CENTRAL DO NOVO LIVRO DA PROFA. FABIANA SCHLEUMER

*A partir de uma perspectiva interdisciplinar, a autora publica "Laços de Família, africanos e crioulos na capitania de São Paulo colonial"*



Detalhe da capa da obra que teve lançamento em agosto de 2020.

**O livro "Laços de Família, africanos e crioulos na capitania de São Paulo colonial" acaba de ser lançado pela professora Fabiana Schleumer (Professora do Depto. de História da EFLCH-Unifesp). O projeto nasceu durante a pesquisa de mestrado da autora, que foi realizada na cidade de Cotia, município próximo de São Paulo. Além de contribuir para a formação de historiadores e historiadoras, as reflexões propostas pela publicação podem contribuir para todos e todas que se dedicam aos estudos das Ciências Humanas, como a Antropologia e a Sociologia. A professora Fabiana Schleumer nos conta em detalhes como foi seu processo de pesquisa até a publicação de seu livro:**

### 1. COMO SURTIU A IDEIA DE CRIAR O LIVRO E COMO SE DEU O PROCESSO DE PESQUISA PARA SUA PUBLICAÇÃO?

**F.S.** - O livro "Laços de família: africanos e crioulos na Capitania de São Paulo colonial" é fruto da minha dissertação de mestrado defendida no Departamento de História da USP no fim da década de 1990. Trata-se de uma versão levemente modificada. O meu mestrado teve a duração de dois anos e meio, e nele eu prossegui a minha pesquisa de Iniciação Científica realizada sob a orientação da Professora Mary Del Priore e com o auxílio financeiro da FAPESP.

Na Iniciação, eu pesquisei sobre casamentos de escravos em São Paulo no século XVIII. Para isso, utilizei um conjunto documental diverso, composto, por exemplo, pelos registros paroquiais de casamentos localizados no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Esse trabalho foi publicado no segundo volume da série Iniciação pela Editora Humanitas.

Eu não sei se ainda existe essa coleção, que, na época, publicava os melhores trabalhos de Iniciação Científica produzidos pelos alunos do Departamento de História. No mestrado, eu desenvolvi uma pesquisa sobre a família negra em Cotia de 1790 a 1810. Nessa pesquisa procurei saber como viviam e se relacionavam os negros / mulatos / mestiços, enfim, aqueles que possuíam ascendência africana. As fontes utilizadas foram os registros paroquiais

sobre batismo e casamento de escravos e libertos, bem como as listas nominativas. A documentação estava depositada no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo e no Arquivo do Estado. Mais uma vez, eu pude contar com a bolsa de pesquisa concedida pela FAPESP.

A escolha de Cotia ocorreu por se tratar de uma localidade caracterizada pela economia de subsistência na qual foi possível encontrar escravos africanos e crioulos integrando famílias em pequenos plantéis, ou seja, em Cotia, no final do século XVIII, o maior escravista era um padre que possuía dez escravos. Além disso, no levantamento documental realizado, a freguesia de Cotia atendeu às expectativas, permitindo um olhar mais profundo sobre as populações africanas e afrodescendentes que lá estavam.

Eu não tenho uma relação de proximidade com a localidade, porém moro na região metropolitana de São Paulo, bem próximo a Cotia. Eu conheço o município, e considero Cotia como uma cidade bonita e bastante acolhedora.

O processo de pesquisa foi bastante tranquilo. Além da orientação da professora Mary Del Priore, eu pude contar com a colaboração do professor Carlos Serrano. Por conta do auxílio financeiro da FAPESP, foi possível me dedicar com exclusividade às atividades de pesquisa. No Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, eu sempre fui muito bem acolhida pelo profissionalismo e pela generosidade de Jair Mongelli Júnior.

A decisão de trazer ao público leitor essa publicação vinculou-se à quase completa ausência de pesquisas sobre a localidade de Cotia. Passados vinte anos, ainda se trata de uma pesquisa inédita que pode contribuir para reflexões no que diz respeito às relações familiares e à escravidão miúda na capitania de São Paulo no período colonial.

### 2. COMO O LIVRO PODE CONTRIBUIR NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE HISTÓRIA E DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA?

**F.S.** - A meu ver, o meu livro permitirá aos alunos conhecer um pouco mais da história da Capitania de São Paulo colonial atentando para as relações familiares entre escravos, forros e libertos que viviam e sobreviviam em uma economia de subsistência. Além disso, o meu livro aponta para a possibilidade de análise dos africanos e seus descendentes no período colonial, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, utilizando estudos de História, Sociologia e Antropologia.

No processo de feitura da minha pesquisa, pude contar com a orientação firme e segura de Mary Del Priore, e o precioso auxílio do professor Carlos Serrano, do Departamento de Antropologia da USP.

Como a disciplina de História da África ainda não existia no Departamento de História, eu comecei a caminhar no campo dos estudos africanos usando as lentes da Antropologia africanista. Aliás, eu tomo a liberdade de dizer que o meu livro pode contribuir não somente para a formação do historiador, mas também para aqueles que se dedicam à interface entre os estudos de História e as demais Ciências

Humanas como a Antropologia e a Sociologia.



### 3. GOSTARÍAMOS QUE COMENTASSE A SITUAÇÃO EM QUE NOS ENCONTRAMOS FRENTE AO ATUAL PANORAMA DAS MANIFESTAÇÕES CONTRA ATITUDES RACISTAS NO BRASIL E NO MUNDO.

**F.S.** - Sou grata à equipe pela proposição desta questão, pois se trata de um assunto de monta que merece toda a nossa atenção, no entanto, ressalto que a complexidade do assunto, aliada à sua amplitude e aos limites desta entrevista não permitem que sejam realizadas as considerações devidas. Pretendo fazer apenas alguns apontamentos.

Em 2013, foi fundado o movimento “Black Lives Matter” por conta da absolvição de George Zimmerman. Como todos bem se lembram, em 2012, ele matou o jovem Trayvon Martin, na Flórida, Estados Unidos.

Esse movimento tem por objetivo combater o racismo na sociedade americana, que se dá, entre suas múltiplas formas de manifestação, pela violência policial e opressão.

A afirmativa “Vidas negras importam” indica que nas sociedades contemporâneas algumas vidas valem mais do que outras, demandando assim pesquisa, reflexão e ação. No Brasil, o caso do menino Miguel, de 5 anos, filho da doméstica Mirtes exemplifica bem a questão. Fica a pergunta: E se fosse o filho da patroa? Quais seriam os rumos do processo? Como as coisas ficariam?

Além disso, eu gostaria de lembrar que o impacto da covid-19 sobre a população afrodescendente corrobora o slogan do movimento. No Brasil é alarmante o número de homens e mulheres negras, as últimas mais do que os primeiros, que estão sucumbindo ao vírus. No momento atual, as desigualdades sociais se afluam, principalmente, no que diz respeito ao acesso à saúde e às novas tecnologias da educação. Nesse contexto, a Universidade pode ser uma aliada, pois constitui um espaço de leitura e reflexão sobre a nossa sociedade e as demais. O Brasil precisa se inserir com mais vigor no Movimento Vidas Negras Importam, pois, afinal de contas, elas importam, e muito! É importante a organização necessária para isso.

### 4. CONTE-NOS SUA TRAJETÓRIA, SUAS VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS JUNTO AOS GRUPOS DE PESQUISA E DE DIVULGAÇÃO VOLTADOS PARA AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS, DENTRO E FORA DO BRASIL.

**F.S.** - Quando eu era jovem, cheguei a participar de alguns coletivos que discutiam a questão racial e a inserção dos afrodescendentes na sociedade brasileira. Nesse processo, eu cito o Núcleo de Consciência Negra na USP, o Instituto Todos a bordo, à época dirigido pelo Prof. Waltecy Alves dos Santos e a EDUCAFRO.

A meu ver, estes foram e são espaços importantes para discussão e reflexão, bem como para a tomada de atitudes frente ao preconceito e ao racismo que ainda insiste em assolar a sociedade brasileira. Felizmente, na EFLCH, há dois grupos que se dedicam à questão. É válido destacar o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEAB/UNIFESP e pelo Núcleo Negro UNIFESP Guarulhos – NNUG na proposição de atividades e discussões sobre a questão junto aos professores, aos alunos e à comunidade em geral.

Entretanto, nos últimos anos, devido às minhas atividades de docência e pesquisa, eu tenho me dedicado exclusivamente à participação em eventos como palestras e congressos em Universidades brasileiras e estrangeiras sobre a História da África.

“ **O BRASIL PRECISA SE INSERIR COM MAIS VIGOR NO MOVIMENTO VIDAS NEGRAS IMPORTAM, POIS, AFINAL DE CONTAS, ELAS IMPORTAM, E MUITO!** ”

### 5. CONTE-NOS SOBRE SUA TRAJETÓRIA DE DOCÊNCIA AQUI NA EFLCH.

**F.S.** - Em 2009, eu participei do concurso para professor de História da África e fui aprovada em primeiro lugar. Desde então, eu tenho atuado como uma das professoras da área ministrando a disciplina obrigatória bem como unidades curriculares eletivas. Neste semestre, eu ministro a unidade curricular: História de Angola: temas, fontes e perspectivas de pesquisa que conta com três monitores, Tiago, Mauricio e Matheus, além de uma mestranda, Dayanne, vinculada ao PAD – Programa de Apoio Docente.

Por conta da aprovação do meu projeto de monitoria, bem como a minha participação no PAD, eu pude recomençar as atividades do meu grupo de estudos, que se intitula: LUCALA: as Áfricas e suas conexões. Esse grupo de estudos tem por objetivo reunir estudantes, professores e interessados em geral para aprofundar os estudos sobre Angola e/ou outras partes do continente africano.

No momento, as atividades do grupo consistem em Lives com aproximadamente uma hora e meia de duração que ocorrem sempre no período entre aulas, isto é, das 18h às 19:30h em datas variadas. A exibição é ao vivo pela nossa página no Facebook e pelo nosso canal no Youtube: Kwanza: África e afins. O objetivo das Lives é alcançar não somente a comunidade acadêmica, mas todos aqueles que se interessam pelo assunto. O LUCALA tem por objetivo ampliar a discussão sobre o campo dos estudos africanos na Universidade Federal de São Paulo. É mais uma contribuição às iniciativas já existentes no campus.

Na minha vivência como docente da EFLCH, eu ministrei aulas, cursos de extensão, organizei eventos, participei de comissões, fiz e faço pesquisa. No momento, o meu projeto de pesquisa tem por objetivo analisar a Inquisição em Angola no século XVIII atentando, entre outros fatores, para a relação do cristianismo com as religiosidades tradicionais africanas.

Além disso, em março de 2020, eu assumi a chefia do Departamento de História. Pela primeira vez, uma mulher negra assume a chefia de Departamento na História da EFLCH. Penso que é uma conquista não só para mim, mas para toda a comunidade acadêmica e não acadêmica do campus. Gostaria de sublinhar que, nesse processo, eu tenho a grata satisfação de conduzir o Departamento em parceria com o professor Gilberto da Silva Francisco, vice-chefe, professor de História Antiga, meu companheiro em todas as decisões e todos os encaminhamentos.

#### 6. PROFESSORA, QUER COMPARTILHAR ALGO MAIS COM OS LEITORES?

**F.S.** - Para finalizar, convido a todos e todas para o lançamento virtual do meu livro que está previsto para o dia 02 de outubro, sexta-feira, às 19h pelo Facebook da Editora Alameda. A transmissão será ao vivo e farão parte da mesa redonda a professora Raquel Glezer da USP, o professor José Flávio Motta da USP, o professor José Lingna Nafafe da Universidade de Bristol, Inglaterra, e a professora Marina Pereira de Almeida Mello da UNIFESP, que será a mediadora.



Detalhe da professora Fabiana Schleumer. Foto: Acervo Pessoal.

**ACESSE O CANAL DO YOUTUBE DA PROFESSORA FABIANA SCHLEUMER:  
KWANZA: ÁFRICA E AFINS.**